

Memórias Nômades: Migrações e Saudade no Cariri, Região do Nordeste Brasileiro

Maria Juceilde Temoteo da Costa¹

Introdução:

Este trabalho procura refletir sobre a memória dos migrantes nordestinos durante as décadas de 1970 e 1980, através de entrevistas e da análise de suas correspondências ativas e passivas, com os parentes, que, estando longe recebiam notícias de suas vidas agora inseridas no cotidiano urbano das grandes cidades do sudeste brasileiro, principalmente São Paulo. Além de procurar estudar a memória desses migrantes que fugindo de uma vida difícil procuravam prosperar como trabalhadores urbanos na grande São Paulo, refletirei sobre a saudade que esses indivíduos deslocados do seu meio cultural acabavam cultivando de sua terra natal e de seus familiares.

Palavras-chave: Memória, saudade, sentimento, migrações.

O Cariri, como a maioria das regiões do Nordeste brasileiro, é marcado pelo evento da migração. Evento esse que se caracteriza para essa população que é atingido por ele, não só como uma forma de busca de melhorias econômicas ou mudança geográfica, mas sim em algo capaz de mudar destinos e definir a partir de consumada a mudança de moradia, novas possibilidades de vidas.

Onde a vida agora inserida nas grandes cidades, caracteriza de forma particular a memória de cada um, fato esse que irá refletir na forma de como essas lembranças da casa da infância e de seus parentes é introduzidos em seus discursos enviados por eles ao Cariri através de suas correspondências. Nelas são descritas explicitadamente a ligação sentimental que continuavam nutrindo, como forma de cultivarem suas memórias nesses lugares deixados por eles, como também o esforço despensado por eles em manter nessas lembranças embasamentos fundantes de suas identidades.

Devido essa frequência de lembranças, nota-se a importância que esse lugar assumia em suas concepções de valores, visto que mesmo considerando um lugar de difíceis possibilidades de emprego, o elogiam como ideal para se morar. No entanto, em torno desse apego a suas moradias e parentes, existia um motivo primordial ante a decisão assumida por eles de partir, motivo esse que soa como novidade para nenhuma pessoa que já morou ou mora nessa região: a seca.

¹ Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

A Seca como fator de Migração

A seca é e foi sem dúvida o fator mais considerado ante a partida ou chegada ao cariri, região do Nordeste brasileiro. E é mediante esse fator natural/social provocador de migrações, que procurarei refletir sobre a memória construída em torno dessas migrações, ocorridas nas décadas de 1970 e 1980. Em acordo com as palavras de Patativa do Assaré, onde afirma que:

*“Em consequência de uma seca horrível
Para São Paulo o nordestino vai
Leva no peito uma herança incrível
de boa terra onde morreu seu pai”.*²

A muitos partiam levando sonhos de uma vida melhor, no entanto enfrentando a difícil tarefa de separarem-se de seus familiares que não migravam. Onde no diálogo das memórias dos migrantes e dos que permaneceram no Cariri, percebe-se que o conceito de cidade recebe significado diferente para cada intérprete.

Visto que para os migrantes representavam um desafio, enquanto para a maioria dos familiares que não partiam, no qual percebiam a cidade grande apenas através de cartas e do ouvi falar, demonstravam uma espécie de medo desse cotidiano urbano, grande parte

² NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré um Clássico. Crato. 2002. P. 131

desse receio deve-se por ser algo desconhecido, totalmente alheio a todas as suas experiências de vida. Como afirma a não migrante Inês, que só foi conhecer São Paulo recentemente em visita a sua filha Emília:

“Quando lembro daquele tempo, eu acho que é engraçado. Quando recebia cartas de Emília, eu chorava... pensava que ela estava era em outro mundo. Ai batia uma saudade e eu chorava muito. Agora hoje, vejo que era tudo diferente do que eu pensava. São Paulo não é esse bicho de sete cabeças que eu pensava não. risos...”³

Ao olhar para o passado a depoente demonstra que “a arte de lembrar é um ato de recuperação do “eu” e a história de vida uma interpretação atual do passado”⁴. Ao passo que agora já possui outra concepção da cidade. Definida pelo conhecimento prático dessa realidade paulista. Vê-se também que “ao contar sua trajetória de vida e expor suas opiniões, ao conferir sentido aos gestos, o ator se torna sujeito dos seus próprios atos e percebe seu papel singular na totalidade em que está inserido”⁵. A experiência da viagem a cidade grande lhe possibilita diferenciar nas suas lembranças o imaginário da realidade.

E o que se pretende aqui é sobretudo compreender as memórias desses migrantes, fazendo assim um resgate e registro escrito dessa documentação, que muito representou em suas comunicações de outrora. Com o intuito de não deixar que essas memórias caiam no esquecimento, ou sejam mantidas em silêncio. Tentando mostrar que a migração nas lembranças desses migrantes não representava apenas um fator demográfico ou econômico, como é tratada pela maioria dos trabalhos científicos. Mais sim que existem muitos mais fatores a serem abordados. Destacando que quando estavam longe do seu meio cultural a saudade funcionava como combustível dessas lembranças, comprovando que apesar dos migrantes passarem por dificuldades financeiras em seu lugar de origem, partiam não por um desejo mas sim por necessidade de sobrevivência, o que fica evidente nesse sentimento de saudade, um desejo de voltar a morar no Cariri em algum momento oportuno de suas vidas.

E devido funcionarem como componentes ativos dessas mudanças de espaços, suas memórias se estabelecem em forma de uma viagem por diferentes espaços vividos pelo grupo ou individualmente, fato esse que me levou a caracterizar essas memórias como nômades, por estarem se deslocando frequentemente entre espaços distintos. E na distância de

³ Inês Emília dos Santos, 75 anos. Entrevista gravada no município de Santana do Cariri 07/04/2010

⁴ LUCENA, Celia Toledo. Artes de Lembrar e de Inventar (re) lembranças de Migrantes. São Paulo, 1999. P. 79

⁵ JANOTTI, M. L. M. O Desafio da História Oral, P. 32

seu grupo familiar às margens das lembranças são construídas pelo material que possuíam a sua disposição. Como é o caso que a migrante Fransquinha relata em sua carta:

“Sempre que tenho saudades vou reler as cartas e rever as fotos, que vocês mandaram, eu coloquei a foto dos meninos, em um quadro. Na sala bem vistoso, toda vez que eu vou na sala eu vejo, fico pensando e relembrando, todos os momentos maravilhosos que passamos juntos”⁶.

Nesse aspecto a saudade funciona como um princípio ativo na busca dos objetos de memória que segundo a autora da carta foram as fotos e as cartas recebidas, objetos esse que lhe confere um sentimento de pertença aos seus conterrâneos. “Em que as lembranças pessoais estão contidas nas impressões do grupo, de onde surge o sentimento de apego ao lugar de origem”⁷. Esse apego ao passado faz com que nas lembranças dos caririenses migrantes, os lugares já habitados por eles oscilem, tanto quanto o tempo em que viveram nesses espaços. Pois em suas memórias os espaços se cruzam, fazendo assim uma relação entre tempos e espaços distintos, para assim firmarem identidades, pertencentes a esses dois espaços. Vale ressaltar que eram bastante solidários na questão da memória herdada como defende Michael Pollak, que “a memória é, em parte herdada, e não se refere apenas a vida física da pessoa”⁸. Era bastante comum relatarem histórias vivenciadas por eles quando moravam no Cariri, a seus filhos que já nasciam em São Paulo, fazendo assim com que eles também se identifiquem com suas lembranças do passado. Nesse aspecto é bastante curioso perceber os processos seletivos por que passava suas memórias a se refugiar, onde se focam mais nos lugares e datas, fuga essa ligada a momentos particulares da vida de cada um. No entanto por forças das circunstâncias é bastante comum coincidir os fatos que mais afetaram suas memórias, para uns o que mais marcou em todo o processo foi o dia da partida, momento esse em que começavam a viver o tão famoso sentimento de saudade uns dos outros, e também de toda vida construída nos seus lugares de origem.

Para outros o que mais marcou suas lembranças foi o dia da chegada em São Paulo, dados esses percebidos pelo grande espaço dado nas narrativas escritas relativas a esse dia em que caracterizaram o objetivo da chegada, como também é perceptível uma maior remessa de cartas enviadas por eles ao Cariri, no período compreendido entre o dia da chegada e o momento em que começaram a trabalhar. Fato esse ocasionado pela adaptação

⁶ (Correspondência da Migrante Fransquinha Temoteo da Costa, enviada a sua irmã Raimunda Temoteo da Costa, 1989)

⁷ LUCENA, Celia Toledo. Artes de Lembrar e de Inventar (re) lembranças de Migrantes. São Paulo, 1999. P. 79

⁸ POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. P. 04

em um novo ambiente, como também pela ociosidade do período, o que denuncia uma maior atividade das memórias, caracterizado pelo um vai e vem de lembranças:

“desde quando cheguei, não tenho muito o que fazer, porque ainda não estou trabalhando. Só fico lembrando de casa e de vocês, mas diga a pai que estou bem. Quando arranjar um emprego eu escrevo prá vocês”.

Como ressalta Michel de Certeau que “a memória vem de olhares, ela não está em si mesma e sim noutra lugar, e ela se desloca”⁹. No contexto caririense da época analisada, a troca de correspondências foi a maneira que encontravam para exercitarem suas lembranças, pois elas funcionavam como um chamamento a memória do outro, como o migrante Expedito escreve sua carta:

“Olha diga a Preta, a Marlene, a Osvaldo e a Doca que mandei lembranças e que estou com muitas saudades”.

Retratando assim esse documento a forma que o migrante encontrou de não deixar que seus familiares esqueçam que ele estava sempre lembrando deles, o que era comum acontecer depois de algum tempo, com a correria do emprego essa ia diminuindo.

Portanto ia sendo esse cotidiano caririense marcado pela grande partida de migrantes em direção à cidade grande, lhes restando assim, logo após a partida, a comunicação em grande parte realizada somente através do correio. Pois o sistema de telecomunicações não havia sido desenvolvido no cariri de forma a abranger a maioria da população. Que por sua vez apresentavam uma grande resistência para não deixarem desfalecer os laços afetivos que os envolvia. Como ainda ressalta Patativa do Assaré:

*“E passa a vida sem gozar sossego
sem “esquecer” do seu torrão natal
Com um salário de um mesquinho emprego
sua família vai passando mal”*¹⁰.

E ainda:

*“Quando notícia do nordeste tem
com um inverno de mandar plantar,
maior “saudade” no seu peito vem
escravizado sem poder voltar”*¹¹.

⁹ CERTEAU, M. de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. P. 163

¹⁰ NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré um Clássico. Crato. 2002. P. 131

Essa poesia popular vem mostrar que o cariense tinha ciência de todo processo que estava inserido, uma vez que essas poesias emergiam da criatividade popular.

Portanto encerrando esse trabalho acredita-se que o que foi dito contribuiu para serem levantadas algumas questões sobre a migração, focando o estudo no ângulo dos sentimentos e memórias no ângulo dos sentimentos e memórias que prevaleceram nesse evento. Campo este muito vasto a ser estudado, e possível de serem encontrados em uma grande quantidade de fontes, tanto escritas como orais. Resta em primeira mão reconhecê-las e problematizá-las. Tarefa esta incumbida aos historiadores contemporâneos.

Bibliografia

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis. Vozes, 1994.

JANOTTI, M. L. M. **O desafio da História Oral**. In: Negros Brasileiros. Encarte Especial. Ciência Hoje, CNPq, Vol. 08, nº 48, P. 35, 1988.

LUCENA, Celia Toledo. **Artes de Lembrar e de Inventar (re) lembranças de Migrantes**. São Paulo. Universidade Aberta, 1999.

NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa do Assaré um Clássico**. Crato. A Província Edições, 2002.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social: estudos históricos**. Rio de Janeiro, 1992.

¹¹ NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré um Clássico. Crato. 2002. P. 131

Fonte:**Impressas:**

Carta da migrnte Fransquinha Temóteo da Costa enviada a sua irmã Raimunda Temóteo da Costa(1989).

Carta do migrnte Expedito Pereira da Silva, enviada a seu irmão Miguel Pereira da silva,(1985)

Carta do migrante Aparecido Honório da Costa, enviada a sua Mãe Nazinha Honório,(1986)

Fontes Orais:

Inês Emília dos Santos. Nasceu na cidade de Santana do Cariri-Caerá. Em 1935. Agricultora aposentada mãe da migrante Emília Temóteo dos Santos.